

A REALIDADE DAS MÃES DE CRIANÇAS COM ALERGIA À PROTEÍNA DO LEITE DE VACA: UM ESTUDO SOBRE OS EFEITOS EMOCIONAIS E SOCIAIS

Rosecler Ferreira Nery

1 INTRODUÇÃO

A Alergia à Proteína do Leite de Vaca (APLV) tem se tornado cada vez mais comum entre crianças, especialmente lactentes e crianças pequenas, causando impactos significativos para as famílias (Reis et al., 2020). Caracterizada por uma resposta imunológica adversa às proteínas do leite de vaca, a APLV pode provocar sintomas que variam de reações gastrointestinais e respiratórias a manifestações graves, como anafilaxia. O diagnóstico precoce e o manejo adequado exigem intervenções dietéticas rigorosas e acompanhamento contínuo (Santin; Amaral; Gelinski, 2018).

Para as mães de crianças com APLV, os desafios vão além dos aspectos médicos. O processo de diagnóstico e as mudanças alimentares exigem adaptações significativas na rotina familiar, gerando uma carga emocional considerável. Além disso, o impacto psicológico da doença no vínculo materno e os custos financeiros relacionados aos produtos substitutos para o leite materno ou fórmulas especializadas agravam a situação (Silva et al., 2019).

Este estudo tem como objetivo investigar os impactos enfrentados por mães de crianças com APLV, abordando dificuldades no diagnóstico, custos financeiros, impacto emocional e mudanças familiares, e como esses desafios moldam a experiência dessas mulheres. Visa também contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas e práticas de apoio psicológico e nutricional. A pesquisa faz parte de um mestrado na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), focando nos impactos emocionais, sociais e práticos no cotidiano de mães e cuidadores de crianças com APLV.

2 MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório realizado no Centro de Nutrição Infantil (CENNI) em Foz do Iguaçu-PR, uma ONG que oferece atendimento a crianças com condições nutricionais e gastrointestinais variadas (CENNI, 2024). Participaram 15 mães de crianças entre 0 e 2 anos com APLV, enfrentando desafios no aleitamento materno e introdução alimentar. Os critérios de inclusão foram: diagnóstico confirmado de APLV, crianças acompanhadas no CENNI, e assinatura do



TCLE, enquanto critérios de exclusão envolviam mães ausentes nas consultas ou com dificuldades de comunicação.

A coleta de dados consistiu em entrevistas semiestruturadas, acompanhadas de registros do pesquisador. O estudo foi realizado em três etapas: (I) seleção das mães; (II) entrevistas; e (III) organização e análise dos dados. As entrevistas foram gravadas e transcritas, incluindo duas entrevistas piloto, que foram integradas aos dados finais. Para anonimização, utilizou-se codificação com letras e números.

A análise seguiu a Fenomenologia Social, com leitura cuidadosa dos relatos e agrupamento de aspectos significativos. Não foi utilizado software para organização e análise dos dados. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unioeste (CAAE 75829923.0.0000.0107).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os impactos físicos, emocionais e sociais das mães de crianças com APLV foram agrupados na categoria "motivos por que", abordando os fatores que tornam o cuidado diário mais complexo e emocionalmente exigente. Abaixo, serão apresentadas as 4 categorias, seus resultados e discussão.

3.1 DIFICULDADE PARA OBTENÇÃO DO DIAGNÓSTICO

Uma das principais barreiras mencionadas pelas mães foi a demora e incerteza para obter um diagnóstico preciso da APLV, o que gerou frustração e preocupação. A falta de preparo dos profissionais de saúde em identificar a condição rapidamente foi a principal dificuldade, fazendo com que muitas mães passassem meses ou até anos buscando entender os sintomas. Como relatado por uma mãe, "até chegar no diagnóstico foi um desespero pra saber por que ela chorava dia e noite."

A dificuldade no diagnóstico da APLV causou grande impacto emocional nas mães, que enfrentaram períodos de incerteza e frustração. A falta de preparo de alguns profissionais aumentou o sofrimento e a ansiedade das famílias, destacando a necessidade de diagnósticos mais rápidos e precisos (Reis et al., 2020; Moen, Opheim e Trollvik, 2019). Nesse contexto, equipes multiprofissionais, incluindo médicos, nutricionistas e psicólogos, são essenciais para oferecer suporte clínico, emocional e social, melhorando a qualidade de vida das famílias afetadas pela APLV (Meyerl et al., 2017; Abagaro et al., 2018).

3.2 IMPACTO FINANCEIRO

O diagnóstico de APLV trouxe custos elevados para as famílias, principalmente com fórmulas e alimentos especiais. O alto custo das fórmulas hipoalergênicas, muitas vezes superior a despesas básicas, gerou um peso financeiro significativo. Uma mãe comentou: "uma lata custa 180,00 [...] comprávamos mais de 1500 por mês, mais que o aluguel que pagamos."



Segundo Abagaro et al. (2018) e Reis et al. (2020), o benefício nem sempre é disponibilizado imediatamente após o diagnóstico, forçando os cuidadores a enfrentarem batalhas judiciais e a redefinir seus papéis sociais. Esse cenário revela a falta de apoio financeiro e políticas públicas, comprometendo o orçamento familiar e aumentando o estresse no manejo da condição da criança.

3.3 IMPACTO EMOCIONAL

A adaptação à APLV gerou um impacto emocional profundo, com destaque para o medo constante de contaminação alimentar, que limitou a liberdade das mães em atividades cotidianas. Muitas mães se isolaram para garantir a segurança alimentar das crianças, o que causou ansiedade e carga emocional. Como exemplificado: "eu comecei a fazer o meu pão, o bolo, e tomava chá e suco [...] o que eu podia comprar era uma paçoca ou amendoim japonês."

A adaptação à APLV exige das mães um estilo parental protetor, com controle rigoroso do ambiente e da alimentação dos filhos, devido ao medo de contaminação. Esse comportamento limita atividades externas e causa isolamento social, já que muitas crianças são excluídas de eventos (Moen, Opheim e Trollvik, 2019). Algumas mães tentam contornar isso levando alimentos seguros, mas a vigilância constante aumenta o estresse e afeta o bem-estar das mães.

3.4 MUDANÇAS NA ESTRUTURA E DINÂMICA FAMILIAR

A necessidade de evitar contaminações alimentares levou as famílias a adaptar suas rotinas e hábitos, afetando a alimentação de todos. A preparação dos alimentos passou a exigir mais tempo e planejamento, como relatado por uma mãe: "a alimentação teve que mudar para todos em casa para que não houvesse risco para ele." Essas mudanças afetaram toda a estrutura familiar, exigindo ajustes em todos os membros.

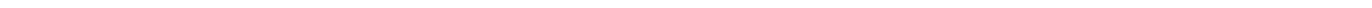
A APLV afeta diretamente a criança e impacta toda a família, especialmente as mães, responsáveis pelo cuidado (Maciag et al., 2020; Moen, Opheim e Trollvik, 2019). A Teoria dos Sistemas Familiares (Reis et al., 2020) aponta que as mudanças alimentares e de rotina exigem ajustes de todos, gerando tensões familiares e ampliando a carga emocional, o que afeta o equilíbrio familiar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo destaca os desafios enfrentados pelas mães de crianças com APLV, que vão além das questões clínicas, impactando suas esferas emocionais, financeiras e sociais. As dificuldades no diagnóstico, os altos custos com alimentos especiais e a preocupação constante com a segurança alimentar geram sobrecarga emocional, afetando o bem-estar das mães e a dinâmica familiar. Isso leva ao isolamento social e prejudica a qualidade de vida das famílias. A pesquisa reforça a importância de



uma abordagem integrada no cuidado, incluindo redes de apoio, treinamento adequado dos profissionais e maior suporte financeiro e políticas públicas para mitigar esses desafios.





REFERÊNCIAS

- ABAGARO, R. M. A et al. Aspectos Emocionais Vivenciados pelos Pais e/ou Cuidadores de Crianças com Alergia à Proteína do Leite de Vaca. ID on line. Revista de psicologia, v. 12, n. 39, p. 736-756, 2018.
- MACIAG, Michelle C. et al. The psychosocial impact of food protein-induced enterocolitis syndrome. The Journal of Allergy and Clinical Immunology: In Practice, v. 8, n. 10, p. 3508-3514. e5, 2020.
- MEYERL, Rosan et al. The impact on quality of life on families of children on an elimination diet for Non-immunoglobulin E mediated gastrointestinal food allergies. World Allergy Organization Journal, v. 10, p. 8, 2017.
- MOEN, Øyfrid Larsen; OPHEIM, Elin; TROLLVIK, Anne. Parents experiences raising a child with food allergy; a qualitative review. Journal of Pediatric Nursing, v. 46, p. e52-e63, 2019.
- REIS, P.; MARCON, S. S.; BATISTA, V. C.; MARQUETE, V. F.; NASS, E. M. A.; FERREIRA, P. C.; ICHISATO, S. M. T. Repercussões da alergia ao leite de vaca sob a ótica materna. Rev Rene, v. 21, p. 13, 2020.
- SANTIN, C.; AMARAL, G. S.; GELINSKI, J. L. N. Alergia à proteína do leite de vaca (APLV). Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc Videira, v. 3, p. e19914-e19914, 2018.
- SILVA, A. M. L.; DA SILVA MONTEIRO, G. R. S.; DA SILVA TAVARES, A. N.; DA SILVA PEDROSA, Z. V. R. The early food introduction and the risk of allergies: A review of the literature. Enfermería Global, v. 18, n. 2, p. 499-511, 2019.